

NOTAS, NOTÍCIAS E RECENSÕES

As principais manifestações de crises em Portugal entre 1973 e 1998

Fernando Rebelo

Ao comemorar em 1998 os seus 25 anos de existência, o Semanário *Expresso* publicou diversos pequenos cadernos sob a designação geral de *25 Anos – Momentos Inesquecíveis*, um dos quais, *As Calamidades*, merece uma referência especial. Com 58 páginas, este trabalho corresponde à recordação de grandes crises que marcaram o período decorrido entre 1973 e 1998, fossem elas de origem natural ou de origem humana. Entre as primeiras, algumas foram particularmente importantes no nosso país e merecem destaque.

Sob o título de “Começar de novo – Sismo nos Açores” (p. 8), apresenta-se o sismo que em 1980 atingiu, em especial, a Ilha Terceira e sobre o qual J.G. Fernandes, da Universidade dos Açores, publicou uma nota na *Finisterra* (J. G. F. FARRICA, 1980).

“O martírio da chuva – Cheias na Grande Lisboa” (p. 10) é um artigo que nos recorda o que se passou nos arredores de Lisboa em 1983; alguns mortos, poucos, felizmente, assinalaram as cheias rápidas (“Flash floods”) que se seguiram a chuvas intensas que se abateram na região em quantidades comparáveis às de fins de Novembro de 1967 (F. REBELO, 1997).

Os incêndios florestais também foram referidos no trabalho. “Um incêndio ‘fora de tempo’ – Doze bombeiros morrem no Caramulo” (p. 14) é o título de um artigo que trata de um dos mais mortíferos registados no nosso país, ocorrido em 1986 e considerado pelo jornalista como ‘fora de tempo’ por ter sido em 14 de Junho. Claro que o facto de, em termos cosmo-gráficos, o Verão começar em 21 de Junho, data do solstício, isso não significa que, muitas vezes haja calor bem antes – Março de 2000, por exemplo, sem ser propriamente um mês quente, teve calor e secura suficiente para ser responsabilizado por vários incêndios florestais... Na verdade, é um erro falar-se em “época de fogos”, como ainda há pouco tempo se falava, considerando-a “aberta” a partir de uma determinada data, seja ela 1 de Junho, 15 de Junho ou 1 de Julho... O risco de incêndio florestal tem a ver com a conjugação de diversos factores meteorológicos, como as temperaturas, as humidades relativas e o vento, com variadíssimos outros factores de ordem física e humana (L. LOURENÇO, 1992) e poderá ser elevado, em certas áreas, até em meses de Inverno. No caso concreto do incêndio dito do Caramulo, o risco era grande e a

crise, impulsionada por ventos fortes, desencadeou-se, incontrolável. As mortes resultaram de um avanço muito rápido das chamas em áreas de topografia acidentada com vegetação densa e de fácil combustão.

Mas os incêndios urbanos também podem ter uma componente natural mais ou menos importante. E no artigo intitulado “Lisboa a arder – Incêndio no Chiado” (p. 16) isso deduz-se bem, na medida em que ele ocorreu em pleno mês de Agosto (25 de Agosto de 1988). Poderia ter ocorrido em qualquer outra época do ano, mas em dias de muita humidade e pouco calor talvez tivesse sido dominado com mais eficácia.

“As (des)culpas do nevoeiro – Choque na auto-estrada do Norte” (p. 20), é outro artigo a merecer destaque. Aconteceu “no dia 3 de Fevereiro de 1996, num dia frio e de muito nevoeiro em todo o país”. Morreram sete pessoas. O título é feliz atendendo a que o nevoeiro, só por si, não mata. É o “hazard” dos anglófonos ou o “aléas” dos francófonos; é a casualidade, como dizem alguns engenheiros portugueses que se preocupam com os riscos. A vulnerabilidade numa auto-estrada é grande. E o risco manifestou-se sob a forma de uma crise, no caso uma autêntica tragédia.

Outros dois artigos merecem uma referência especial - “E a terra veio abaixo – Avalanche em Ribeira Quente” (p. 22), e “Depois da seca, o dilúvio – Cheias no Alentejo”, (p. 24). Estas duas crises, ambas ocorridas em 1997, foram objecto de notícia na *Territorium* (A. G. B. RAPOSO, 1998, e F. REBELO e N. GANHO, 1998). Claro que não poderíamos nunca chamar “avalancha” à primeira; tratou-se indubitavelmente de uma escoada de lama, com calhaus e blocos, com troncos de árvores e árvores, como ainda recentemente (25 de Abril de 2000) tivemos ocasião de confirmar por inquérito no local da ocorrência. E também não poderíamos dizer que se verificou um dilúvio no Alentejo. Os valores registados, embora elevados, não seriam suficientes para originar tantos problemas e tantas mortes se as vulnerabilidades não fossem tão graves – desde casas construídas sobre linhas de água até ribeiras mal canalizadas, passando por pontes mal dimensionadas tudo se conjugou para que o risco de inundação (grande) se manifestasse como crise grave.

Do que se passou pelo mundo, “As Calamidades” também referem crises notáveis – os incêndios da Amazônia nos finais de 1997, a tragédia de Biescas,

nos Pirenéus espanhóis, em 7 de Agosto de 1996, ou os terremotos de São Francisco (17 de Outubro de 1989), de Los Angeles (17 de Janeiro de 1994) e de Kobe (16 de Janeiro de 1995) são referenciados com destaque.

Em nenhum dos casos apresentados, porém, há qualquer espécie de aprofundamento científico. É recordar da notícia, é a informação que se encontra. E, obviamente, isso também nos interessa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARRICA, José Guilherme Fernandes (1980) – “O sismo de 1 de Janeiro de 1980 nos Açores”. *Finisterra*, 15 (30), p. 247-261.

LOURENÇO, Luciano (1992) – “Avaliação do risco de incêndio nas matas e florestas de Portugal Continental”, *Finisterra*, 27 (53-54), p. 115-140.

RAPOSO, A.G. B. (1998) – “Breve nota sobre a tragédia da Ribeira Quente (S. Miguel, Açores) ocorrida na madrugada de 31 de Outubro de 1997”. *Territorium*, 5, p. 73-74.

REBELO, Fernando (1997) – “Risco e crise nas inundações rápidas em espaço urbano. Alguns exemplos portugueses analisados a diferentes escalas”. *Territorium*, 4, p. 29-47.

REBELO, F. e GANHO, N. (1998) – “As inundações do Outono de 1997 no Sul de Portugal”. *Territorium*, 5, p. 25-30.

Trabalhos recentes sobre a temática dos riscos (ditos) naturais

Fernando Rebelo

1. *Enseigner les risques naturels. Pour une géographie physique revisitée* (Paris, Anthropos/GIP RECLUS, Economica, 1994, 227 p.) é um livro que, apesar dos seus seis anos de existência, se mantém profundamente actual. Coordenado por Bernard DUCRET, Professor de liceu em Annecy, teve como responsáveis pela sua preparação, além do coordenador, o seu colega Yves André, mas também os Professores Antoine BAILLY (Universidade de Genebra) e Jean-Paul GUÉRIN (Instituto de Geografia Alpina da Universidade Joseph Fourier de Grenoble).

Uma Introdução de J.-P. GUÉRIN, intitulada “L’environnement – une question de représentations” abre um conjunto de doze capítulos que culminam com uma Conclusão assinada por A. BAILLY: “Pour un enseignement humain de la Géographie Physique”. O mesmo Professor redigiu também os capítulos 8 e 9, respectivamente, “L’éruption du Mont St. Helen’s – prévention, information et représentations” e “Enseigner les risques naturels”.

Todos os capítulos têm interesse para os estudiosos de riscos naturais. No entanto, merecem-nos destaque especial o 5, assinado por Bernard DEBARBIEUX (Instituto de Geografia Alpina) sobre “Le risque en montagne. Phénomène naturel ou phénomène social?” e o 6, assinado por Robert D’ERCOLE (Universidade das Antilhas e da Guiana) sobre “Mesurer le risque. Le volcan Cotopaxi et les populations proches”.

2. Ernest ZEBROWSKI Jr. (1997), da Universidade Estadual da Pensilvânia, publicou na prestigiada Cambridge University Press, um livro sobre crises de origem natural devidamente apresentadas e explicadas cientificamente – *Perils of a Restless Planet*:

Scientific Perspectives on Natural Disasters.

Com 306 páginas, o livro está dividido em nove capítulos. O primeiro começa com 5 páginas dedicadas ao terremoto de Lisboa de 1755 – “Lisbon’s Longest Day”.

Muitos outros casos históricos anteriores ou posteriores são depois analisados; a variedade é grande tanto no respeitante ao tipo de crises, como aos exemplos dados. Destaquem-se, porém, as páginas do oitavo capítulo – “Deadly winds” – sobre ciclones tropicais e tornados, ou as do quinto – “Restless seas” – sobre “tsunamis”.

No final, são apresentados apêndices importantes – “Notable Tsunamis”, “Notable Earthquakes”, “Notable East Coast Tropical Storms and Hurricanes” e “Killer Tornadoes”, todos com as respectivas datas de ocorrência e locais afectados entre outras indicações. O índice que culmina o trabalho é bastante completo e permite encontrar rapidamente toda a informação desejada sobre riscos naturais e locais afectados pela sua manifestação.

3. Pierre MARTIN (1998), engenheiro especialista em geotecnia, publicou na EDISUD de Aix-en-Provence, um livro com um título tão curioso quanto provocatório – *Ces Risques que l’on dit Naturels*. O homem aparece envolvido por vezes na origem dos fenómenos que depois se dizem naturais, outras vezes no desenvolvimento das manifestações de crise como factor de vulnerabilidades.

Com 256 páginas, este trabalho apresenta além de um pequeno prefácio, quatro partes – “La nature des risques”, “Des risques de toutes natures”, “Que risque-t-on en France?” e “Pour aller plus loin”.